

# 18<sup>o</sup> Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### A AUSÊNCIA DA FOTOGRAFIA NAS DIRETRIZES DO MEC: O DESDOBRAMENTO NOS CURSOS DE JORNALISMO DA PARAÍBA<sup>1</sup>

Agda Aquino<sup>2</sup>, [profagdaaquino@gmail.com](mailto:profagdaaquino@gmail.com)

#### RESUMO

As Diretrizes mais recentes do MEC para os cursos de jornalismo no Brasil, publicadas em 2013, excluíram a fotografia e, conseqüentemente, o fotojornalismo do texto do documento. Essa falta de citação direta, mesmo que não identificada rapidamente por uma leitura desatenta, provoca desdobramentos materiais nas grades curriculares, resoluções de TCC, ementários e no perfil do egresso dos cursos, que pode chegar ao mercado de trabalho com uma lacuna estrutural em sua formação superior. Esta pesquisa identifica essa ausência e faz uma escavação arqueológica nos documentos e no perfil de professores para traçar um panorama dos seus desdobramentos nos cursos de jornalismo da Paraíba.

#### PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Fotojornalismo. Diretrizes. Jornalismo. Paraíba.

#### 1. INTRODUÇÃO

A fotografia está presente na prática profissional do jornalismo desde a sua popularização, na segunda metade do século XIX. Ainda de forma tímida por causa das limitações técnicas, em especial as de reprodução, aliar imagens do fato ao texto jornalístico foi se tornando cada vez mais importante. Na primeira metade do século XX se tornou comum encontrar nas grandes revistas as fotorreportagens, material imagético extenso e de relevante conteúdo informacional. É nesse contexto que surge o primeiro curso de jornalismo do

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado em andamento temporariamente intitulada de “O discurso do ensino de fotografia nos cursos de jornalismo do Brasil”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB, orientada pelo Professor Doutor Erenildo João Carlos.

<sup>2</sup> Jornalista (UFPB), Especialista em Redação Jornalística (UnP), Mestre em Estudos da Mídia (UFNR), doutoranda em Educação (UFPB). Professora de fotografia dos Departamentos de Comunicação Social da UFPB e da UEPB. E-mail: [profagdaaquino@gmail.com](mailto:profagdaaquino@gmail.com).



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Brasil, instaurado no país com o decreto de 1947, que o vinculou à faculdade de filosofia. Nos anos 1950 e 1960 os bacharelados em jornalismo se espalharam gradativamente pelo país, mas é a partir dos anos 1970, já com a nomenclatura modificada para Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, que o curso ganha o Brasil. Hoje são mais de 400 bacharelados em funcionamento no território nacional. Nas diretrizes e normatizações que acompanharam o desenvolvimento do curso no país até hoje, a fotografia esteve presente de forma marcante nos documentos que especificavam conteúdos a serem ministrados, mas não há consenso na literatura da área, em especial as mais antigas, sobre o perfil do egresso desse curso e a relação com o fazer fotográfico. Surge daí a seguinte pergunta: é papel dos cursos de jornalismo formar fotojornalistas?

Este texto visa identificar como a fotografia está colocada nos cursos de jornalismo da Paraíba após a publicação das diretrizes, através de uma investigação teórico-metodológica que trilha os caminhos da Análise Arqueológica do Discurso. Esse estudo faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e visa experimentar a metodologia, que num futuro próximo, será usada para fazer essa escavação em escala nacional, buscando responder estes e outros questionamentos no que se refere ao ensino de fotografia nos cursos de jornalismo do Brasil. O ponto de partida desta análise é a constatação da ausência da fotografia ou qualquer correlato no texto das Diretrizes Curriculares em vigor.

Para Michael Foucault (2005), o saber sobre alguma coisa é constituído através das certezas ou afirmações que são ditas sobre algo e que podem ser chamadas de “a priori histórico”. Ou seja, diz respeito às pré-concepções de realidade para os enunciados ou os princípios segundo os quais os enunciados se baseiam, se substituem, se transformam e desaparecem. O sujeito, nessa concepção, ocupa papel central na produção dos saberes já que pode tomar posição para falar dos objetos tratados em seu discurso. É nesse discurso que há a coordenação e a subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem,



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

se definem, se explicam e se transformam. “[...] não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005, p. 205). É justamente essa prática discursiva sobre o fotojornalismo que buscamos no conjunto de documentos detalhados nos tópicos a seguir.

## 2. DIRETRIZES NACIONAIS EM VIGOR E A EXCLUSÃO DA FOTOGRAFIA

Era 10 de julho de 2018 e o professor Eduardo Meditsh palestrava no auditório de Educação da UFPB sobre o ensino do jornalismo em tempos de crise. Ele foi um dos membros da equipe que concebeu as Diretrizes em vigor no país para os cursos de jornalismo e tem um livro sobre o assunto. No momento dedicado às perguntas, esta autora questionou porque a fotografia não era citada no documento. Ele reconheceu surpresa ao perceber naquele exato momento que o documento havia excluído a fotografia. Se um dos autores das diretrizes, quase 10 anos depois de sua concepção, se surpreendeu ao descobrir que o documento tem essa lacuna, como agem os professores que a tomam como base para efetuar as mudanças nos cursos pelo país? Como essa ausência se materializa nas normas e regimentos internos dos cursos de jornalismo pelo Brasil que tomam como base principal essas diretrizes?

Para dar conta dessa questão, começamos nossa investigação pelo Parecer CNE/CES Nº 39/2013, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, concebidas em 2009 e vigentes até hoje. O documento provocou uma reviravolta nas práticas pedagógicas dos cursos e, pela primeira vez, as diretrizes tentaram promover uma maior interação entre prática e teoria, além disso, marcaram a separação definitiva do curso de jornalismo da Comunicação Social, deixando de ser uma habilitação, algo que havia acontecido em 1969, durante o governo militar ditatorial.



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

A leitura preliminar desse documento-fonte indica alguns pontos iniciais:

1 – A Comissão de Especialistas nomeada pela portaria MEC-SESU 203/2009 foi formada por oito professores universitários da área: José Marques de Melo (presidente), Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Lucia Araújo, Sergio Mattos e Sônia Virginia Moreira; 2 – além de ter sido aberto a audiências públicas e a sugestões da sociedade, a construção do documento se baseou “na revisão do conhecimento existente sobre o ensino de jornalismo, na literatura nacional e internacional” (MEDITSCH, 2012, p. 221), entre eles o documento da UNESCO de 2007 que orienta para a formatação dos cursos superiores de jornalismo no mundo e as outras diretrizes nacionais que antecederam a mesma, “conteúdos que embasaram substancialmente tanto no diagnóstico do cenário atual quanto os argumentos utilizados para justificar as mudanças propostas aqui” (idem); 3 – Sobre as competências específicas, o documento explicita que o jornalista formado deve estar apto, dentre outras coisas, a “conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos” (MEDITSCH, 2012, p. 242); traduzindo isso em termos práticos, as diretrizes especificam no eixo de aplicação processual que a formação jornalística “tem por objetivo proporcionar ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, garantindo coberturas em diferentes suportes: Jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessoria de imprensa e outras demandas de mercado de trabalho” (MEDITSCH, 2012, p. 245).

Alguns pontos nos levam a investigar os motivos da ausência do fotojornalismo no discurso pedagógico contido neste documento. O primeiro diz respeito ao perfil dos membros responsáveis pela elaboração dessas diretrizes, com base nas informações dadas em seus respectivos currículos disponibilizados na plataforma *lattes*: todos são/eram docentes de universidades federais do Brasil, com vasta atuação em pesquisa e publicações na área, porém nenhum deles com vínculo específico para a área de fotojornalismo/fotografia. As principais áreas de atuação desses sujeitos são



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

história do jornalismo e da mídia, teorias do jornalismo, televisão e radiodifusão.

Entendemos que não deveria ser necessário incluir alguém específico da área de fotojornalismo na equipe para que esse campo de atuação profissional fosse contemplado nas diretrizes, mas é um sintoma que pode denunciar outras questões, como, por exemplo, o perfil dos professores de fotografia dos cursos de jornalismo no país e o papel político-pedagógico ocupado (ou não) por eles. Outro achado importante foi o que se refere aos outros documentos que deram origem ao atual, seja com o objetivo de dar continuidade a pensamentos ou se contrapor a eles. São as diretrizes anteriores e o documento da Unesco de 2007 citados por Meditsch (2012). Sobre as diretrizes antigas, fizemos uma varredura para identificar a presença da fotografia ou, mais especificamente, do fotojornalismo nas mesmas, e verificamos que ela só aparece nominalmente enquanto conteúdo do curso na Diretriz de 1984, a única a nomear ementas e disciplinas e também a que ficou mais tempo em vigor, deixando de ser citada na Diretriz de 2001.<sup>3</sup> Já o documento da Unesco pontua nominalmente a fotografia e o fotojornalismo em diversos momentos das suas 161 páginas, tanto em conteúdos de laboratórios e práticas profissionais, quanto nas ponderações sobre a ética da profissão. O radical linguístico “foto” e seus variantes aparecem 28 vezes, sendo destes, 6 especificamente como fotojornalismo, a exemplo do trecho da página 36, no item que explana as habilidades que um jornalista deve ter: “Os jornalistas da imprensa escrita devem saber usar câmeras fotográficas analógicas e/ou digitais e saber revelar fotos em laboratórios de revelação manual e/ou utilizar programas de computador para tratamento e edição de imagens, bem como programas de diagramação de páginas” (UNESCO, 2007).

---

<sup>3</sup> Para conhecer mais detalhes da disposição do conteúdo fotográfico nas Diretrizes do MEC para os cursos de jornalismo ao longo da história, ver texto da mesma autora intitulado “JORNALISMO SEM FOCO: a ausência da fotografia nas novas diretrizes do MEC para os cursos de jornalismo”, apresentado no XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018) e disponível nos anais do evento no link: <http://anais.anped.org.br/regionais/nordeste2018-0>



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

Compreendendo, a partir da visão foucaultiana da Arqueologia do Discurso, que a história não anda de forma linear nem em passos que necessariamente avancem, trazemos a seguir, a situação atual dos cursos de jornalismo da Paraíba com relação à fotografia. Todos os projetos pedagógicos analisados são posteriores a publicação das Diretrizes em vigor, mas, ao mesmo tempo que seria impreciso dizer que a situação do conteúdo fotográfico apresentado neles está diretamente relacionada ao papel que ele ocupa – ou deixa de ocupar - nas diretrizes, já que os PPCs são influenciados por vários discursos com suas continuidades e descontinuidades, é inegável que a subtração da fotografia no documento mestre que rege o ensino de jornalismo no país deixe suas marcas e consequências.

### **3. O CORPUS DE PESQUISA**

Na Paraíba existem hoje cinco cursos de jornalismo em funcionamento total ou parcial, sendo eles, três em instituições privadas e dois em instituições públicas, esses últimos os mais antigos. As nomenclaturas estão em transição, de Comunicação Social com habilitação em jornalismo para Jornalismo, seguindo a tendência nacional após a publicação das diretrizes atuais. Os dois cursos mais antigos do Estado, o da Universidade Estadual da Paraíba e o da Universidade Federal da Paraíba, fundados nos anos 1973 e 1977, respectivamente, passaram por diversas transições estruturais, curriculares e organizacionais, acompanhando boa parte das mudanças históricas dos cursos de jornalismo do Brasil.

Os outros cursos em funcionamento são de instituições privadas de ensino. O curso das Faculdades Integradas de Patos, no Sertão do estado, foi fundado no início dos anos 2000 e está em processo de fechamento, não abrindo mais para novas turmas e tendo apenas alguns alunos remanescentes concluindo o bacharelado. Por esse motivo, decidimos excluí-lo da análise deste



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

trabalho. Os outros dois cursos são da mesma Instituição de Ensino privado, a UNINASSAU, e tiveram suas atividades iniciadas a partir de 2011, com uma sede na capital João Pessoa e outra em Campina Grande, no interior do estado, que entrou em funcionamento mais recentemente e que ainda não teve alunos concluintes. Os dois referidos cursos fazem parte de uma rede interestadual e que, por isso, possuem a mesma documentação de funcionamento, assim, farão parte da mesma análise documental.

Portanto, o *corpus* de pesquisa deste trabalho é composto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Jornalismo, produzidas em 2009 - porém publicadas em 2013, além das documentações referentes aos Projetos Pedagógicos, Estruturas Curriculares, Ementas das disciplinas de fotografia e Resoluções de TCCs de três cursos de jornalismo atuantes no Estado da Paraíba: UEPB, UFPB e Uninassau. Todos os documentos foram obtidos através de contato com os coordenadores dos cursos e enviados por email, já que não estavam disponíveis online ou estavam apenas parcialmente. Também visitamos os currículos disponibilizados na plataforma *lattes* dos professores que ensinam fotografia nos cursos paraibanos, preservando suas identidades. O objetivo é trazer à luz os achados sobre a situação do ensino de fotografia através desses documentos.

## 4. O FOTOJORNALISMO NOS CURSOS PARAIBANOS

Com o objetivo de trazer as escavações de forma didática e clara, elegemos seis tópicos para escavar e buscar relações, semelhanças e distinções que nos ajudem a compreender o ensino de fotografia nos cursos de jornalismo da Paraíba, são eles: projeto pedagógico, perfil do egresso, estrutura curricular, ementas das disciplinas, resolução de TCC e perfil docente.

### 4.1 Projeto Pedagógico



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

É o documento basilar de um curso, que apresenta as características do mesmo, como por exemplo, concepção, estrutura, procedimentos de avaliação, eixos temáticos e principais normas de funcionamento. Em todo o Brasil, os projetos vêm sendo remodelados desde a publicação das últimas diretrizes para se adequar às mudanças propostas, compreendendo que cada instituição tem liberdade para trabalhar essas orientações respeitando as características e necessidades locais.

## 4.1.1 UEPB

O documento é de 2016 e cita diretamente as Diretrizes publicadas em 2013 como sua norteadora para as mudanças com relação ao projeto anterior, mas, ao contrário do documento do MEC, o PPC do curso cita fotografia e fotojornalismo em diversos momentos: quando fala dos laboratórios, das disciplinas, dos estágios supervisionados e ainda quando desmembra os eixos formadores: inclui a disciplina de Linguagem Fotográfica no eixo de formação profissional, ao lado de conteúdos como Técnicas de Entrevista e Reportagem, Infografia e Projeto Gráfico. No eixo intitulado de Prática Laboratorial, coloca Fotojornalismo ao lado de Telejornalismo, Radiojornalismo, Jornalismo Digital e Produção Gráfica, por exemplo. O documento explicita que o Eixo de Formação Profissional:

[...] introduz os discentes nos processos do jornalismo, seja no seu caráter teórico ou prático, que permitam a condução do trabalho jornalístico baseado em conhecimento das dimensões técnicas e teóricas com consciência sobre as demandas sociais e da identidade profissional do jornalista no contexto (UEPB, 2016, p. 48).

O documento também traz o fotojornalismo quando detalha que o Eixo de Formação Laboratorial:

[...] reúne as disciplinas da matriz curricular que, de forma pragmática, fornecem condições instrumentais para o exercício da profissional com domínio dos mais diferentes suportes e linguagens do jornalismo a partir da perspectiva prática construída por meio de



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

laboratórios que contemplem atividades do jornalismo digital, do radiojornalismo, do telejornalismo e do fotojornalismo, da produção gráfica e de outras vertentes com especificidades práticas que solicitam laboratório como ambiência para desenvolvimento das atividades (UEPB, 2016, p. 48).

É o único PPC estudado que traz ainda a possibilidade de conteúdos de fotojornalismo ao final do curso, quando o aluno opta pela modalidade de Estágio Supervisionado em Impressos. “Art. 7º O estágio Curricular Supervisionado será realizado utilizando as estruturas dos laboratórios do Curso de Jornalismo (Laboratórios Projeto Gráfico, Multimídia, Radiojornalismo, Fotojornalismo, Telejornalismo e RádioWeb)” (UEPB, 2016, p. 58).

## 4.1.2 UFPB

O PPC do curso de jornalismo da UFPB também começa se referindo às novas Diretrizes: se trata de um documento de 2016 que propõe atualizar o PPC feito em 2011, cujas principais mudanças dizem respeito a nova nomenclatura do curso, a adequação à nova carga horária mínima (3000 horas) e à inserção de conteúdos disciplinares específicos, como:

História do Jornalismo, Jornalismo e sociedade, Mercado de trabalho e empreendimento profissional, Estética e linguagens midiáticas, Jornalismo em multiplataforma I e II, Jornalismo especializado, jornalismo em base de dados, Oficina em webjornalismo, Relações étnico-raciais disciplinas de caráter obrigatório (UFPB, 2016, p. 4).

O documento reforça a ideia de uma formação humanística que alie teoria e técnica, formando um profissional capaz de atuar em diversas vertentes da sociedade digital. Os poucos momentos em que a fotografia é citada no documento são quando aparece o conteúdo da única disciplina específica da área e quando pontua a necessidade de implantar um laboratório de Projetos Fotográficos, hoje inexistente no curso, cujo principal núcleo seria o de computadores para tratamento de imagem.



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

O Laboratório de Edição em Fotografia é o principal espaço do Laboratório de Projetos Fotográficos, deverá ter capacidade para atender oito alunos editando simultaneamente fotografias, com orientação do técnico e (ou) do professor. O espaço do laboratório contará ainda com trabalhos fotográficos de estúdio, desenvolvimento de workshops, entre outras atividades de ensino e/ou extensão (UFPB, 2011, p. 15).

## 4.1.3 UNINASSAU

É o único dos três projetos analisados que ainda mantém a nomenclatura do curso como Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. O documento é datado de 2017 e também cita diretamente as novas diretrizes do MEC para os cursos de jornalismo no país, mas não entra em detalhes dessa relação. Por vezes parece citar resoluções anteriores a que está em vigor, em especial quando fala da nomenclatura do curso. Pontua a fotografia e o fotojornalismo em vários momentos e é, sem dúvida, o PPC analisado que dá mais destaque a essa área, como detalhado nos tópicos a seguir.

## 4.2 Perfil do Egresso

Refere-se ao perfil profissional pretendido para aquele aluno, ou seja, as competências e habilidades que ele será capaz de desenvolver após o término do curso. Esse perfil é delimitado, em geral, no PPC de cada curso superior do país e não há necessariamente uma unidade nesse entendimento, já que sua definição fica a cargo da equipe local de professores que escreve o PPC.

### 4.2.1 UEPB

O item sobre o perfil do egresso do curso de jornalismo está disposto nas páginas 36 a 39 do projeto pedagógico e em nenhum momento cita diretamente a fotografia como campo de atuação do profissional ou perfil ao qual ele deve preencher. Porém, nomeia outros campos, como rádio, televisão, jornais impressos e, em especial, o domínio da língua portuguesa e até mesmo de outros idiomas. O documento deixa em aberto a questão da fotografia ao pontuar que o profissional de jornalismo deve ter:



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

[...] as demais competências e habilidades que caracterizam o trabalho nas circunstâncias em que o jornalista é normalmente inserido, buscando compreender o cenário das mídias e construindo novas concepções sobre a realidade midiática em constante mutação (UEPB, 2016, p. 39).

## 4.2.2 UFPB

O perfil do egresso é detalhado no PPC do curso a partir da página 10 até a página 13. Em nenhum momento cita diretamente a fotografia, mas aponta outras áreas de atuação, em especial o domínio da língua portuguesa e de outros idiomas, organização de projetos, condução de entrevistas, domínio das técnicas dos gêneros jornalísticos e domínio do instrumental tecnológico (*hardware e software*) utilizado na produção jornalística.

## 4.2.3 UNINASSAU

O perfil é detalhado no PPC da página 57 à página 61, iniciando pelo do comunicador até adentrar nas especificidades da habilitação em jornalismo. É o único projeto, dentre os analisados, que afirma ser a cobertura fotográfica um campo de atuação para o egresso do curso:

A habilitação em Jornalismo preparará o aluno para prática de técnicas nesta área, como redação para jornais, revistas, meios eletrônicos e digitais, comunicação gráfica, cobertura e reportagens, técnicas de entrevistas e crítica, cobertura fotográfica, o uso do rádio, televisão e internet para os fins jornalísticos, dentre outros (UNINASSAU, 2017, p. 59).

Além desse trecho, o documento traz essa relação clara do profissional de jornalismo atuando como fotojornalista em pelo menos outras três vezes, como na parte específica sobre o TCC.

## 4.3 Estrutura Curricular

Também chamada de grade curricular ou fluxograma, é basicamente a distribuição dos conteúdos ao longo da formação, vislumbrando o conjunto, a carga horária máxima, a mínima e a disposição das disciplinas com o avançar do curso. As diretrizes do MEC deixam cada instituição com espaço e liberdade



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

para montar suas estruturas curriculares e dispô-las da forma que achar melhor. Todos os cursos analisados aqui trabalham na estrutura semestral, com dois semestres letivos por ano, e todos eles apresentaram pelo menos uma disciplina com conteúdo voltado para a imagem fotográfica.

## 4.3.1 UEPB

O PPC cita que as diretrizes em vigor visam o equilíbrio entre as disciplinas teóricas e práticas e sua disposição ao longo do curso objetiva essa harmonia. A disciplina de Linguagem Fotográfica, de 60 horas, é ministrada no primeiro período do curso. No período seguinte vem a disciplina intitulada Laboratório de Fotojornalismo, com 90 horas, que tem o pré-requisito da primeira, algo raro neste projeto que tem poucas disciplinas com pré-requisito, ou seja, que só podem ser cursadas com a integração prévia de outra. As duas são de caráter obrigatório. Existe ainda o conteúdo de fotojornalismo ao final do curso, no Estágio Supervisionado, caso o aluno opte pela modalidade de jornalismo impresso.

## 4.3.2 UFPB

A estrutura curricular possui apenas uma disciplina voltada para a fotografia, ministrada no segundo período e intitulada de Jornalismo Fotográfico. Possui 60 horas/aula e representa uma diminuição de conteúdo fotográfico em relação à grade anterior, em vigor até 2010, que continha uma disciplina intitulada Fotojornalismo, com carga horária de 75 horas/aula, também ministrada no segundo período letivo.

## 4.3.3 UNINASSAU

É a instituição com maior quantidade de disciplinas com conteúdo voltado para imagem fotográfica das três analisadas, todas obrigatórias. Também é a que distribui esse conteúdo de forma mais particular: colocando as



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

disciplinas específicas e com maior carga prática mais à frente no andar do curso. No segundo período é ofertada uma disciplina de Teoria da Imagem, com 60 horas/aula, que inclui as primeiras reflexões sobre fotografia, seguida por uma disciplina introdutória intitulada Linguagem Fotográfica, com 60 horas/aula, no quarto período, além de uma com carga mais específica para a área, intitulada Fotojornalismo, também com 60 horas/aula.

## 4.4 Ementas

São resumos, sínteses das propostas pedagógicas de cada disciplina do curso. Em geral, elas são criadas pelo grupo docente de cada instituição que formata o PPC e ficam registradas lá, para que os professores de cada conteúdo, a partir delas, desenvolvam as atividades da forma que achar mais pertinente. As diretrizes do MEC dão liberdade para cada instituição criar as suas e sugerir seus livros base. Aqui analisamos as ementas das disciplinas de fotografia contidas nos PPCs de cada curso estudado.

### 4.4.1 UEPB

A ementa da disciplina de Linguagem Fotográfica demonstra a intenção de ser uma disciplina introdutória e abrangente:

História da fotografia: desenvolvimento tecnológico e de linguagem. O processo fotográfico: características ópticas, físicas, químicas e em formatos digitais. Equipamentos: câmeras, objetivas e acessórios. Variáveis de exposição: velocidade, abertura e sensibilidade. Temperatura de cor. Iluminação e Fotometria. Gêneros fotográficos. Regras de composição. Áreas de atuação do profissional. Estética da fotografia. A imagem fotográfica enquanto expressão artística (UEPB, 2016, p. 107).

Já a ementa da disciplina de Laboratório de Fotojornalismo demonstra uma maior especificidade na prática da área:

A fotografia documental e a história do fotojornalismo. A fotografia nos gêneros jornalísticos. As revistas ilustradas e a ascensão do fotojornalismo no Brasil. A imagem no jornalismo diário: do impresso aos portais de notícias. Fotografia enquanto representação da realidade social. Ética: direito de imagem, direito de autor e limites da manipulação das imagens. A prática do fotojornalismo:



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

especificidades da pauta, cobertura e edição. A reportagem fotográfica: narrativa visual (UEPB, 2016, p. 102).

## 4.4.2 UFPB

A ementa da disciplina intitulada “Jornalismo Fotográfico” é enxuta e, como única disciplina de conteúdo específico de fotografia da grade curricular, apresenta uma proposta de conteúdo bastante ampla, envolvendo desde a história da fotografia, passando pela técnica, análise fotográfica e ainda as especificidades do fotojornalismo.

A fotografia como fenômeno e processo histórico-social e o ato de fotografar. Registro, reprodução e análise fotográfica. Origem estética e evolução da linguagem e da técnica fotográfica. A fotografia aplicada ao jornalismo e a relação imagem/texto na contemporaneidade. A fotorreportagem, metodologia e abordagem temática. A fotograficidade (UFPB, 2016, p. 21).

## 4.4.3 UNINASSAU

As ementas não estão dispostas no PPC do curso, são enviadas aos professores separadamente. A disciplina de Teoria da Imagem aborda a imagem de forma ampla, preparando o terreno para um futuro mergulho na imagem fotográfica. É uma disciplina de cunho teórico, como fica explícito na breve ementa:

Teoria geral da imagem (semiótica aplicada). Imagem, comunicação e cultura. Análise de diversos formatos imagéticos: TV, Cinema, Jornalismo, Publicidade. A imagem e o som. A imagem e a luz. Imagem e tecnologia (sem página).

Já a disciplina de Linguagem Fotográfica, disposta no quarto período letivo, foi a que apresentou a ementa mais técnica de todas, com destaque ao fazer fotográfico em si, como demonstrado na ementa:

Técnicas do registro fotográfico. Operação de câmera fotográfica e de seus acessórios. Filtros e lentes especiais. Recursos técnicos das câmeras profissionais. Operação de laboratório: revelação, ampliação, cópia e edição fotográfica. Fotografia com iluminação natural, flash e lâmpadas. Filme preto e branco e colorido. Utilização de teleobjetivas,



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

grandes angulares, motores, flashes, lâmpadas e anel de reprodução. Noções básicas de composição e enquadramento (sem página).

Por fim, a ementa da disciplina de Fotojornalismo, ministrada no quinto período, ou seja, quando o curso já passa da metade, também é ampla e propõe um mergulho profundo nas especificidades do fotojornalismo, com destaque também para o detalhamento técnico do fazer fotográfico:

Técnicas de registro fotográfico. Operação de câmera fotográfica e de seus acessórios. Filtros e lentes especiais. Recursos técnicos das câmeras profissionais. Operações de laboratório: revelação, ampliação, cópia e edição fotográfica. Fotografia com iluminação natural, flash e lâmpadas; filme preto e branco e colorido. Utilização de teleobjetivas, grandes angulares, motores, flashes, lâmpadas e iluminação e anel de reprodução. Noções básicas de composição e enquadramento. A relação da fotografia com as artes e técnicas audiovisuais. Prática de reportagens fotográficas. Produção de fotojornalismo (sem página).

## 4.5 Resolução de TCC

Organiza, rege e orienta professores e alunos sobre as normas que devem ser seguidas para a execução do Trabalho de Conclusão de curso, e definem, por exemplo, se o trabalho deve ser individual, em dupla ou até em grupo, bem como suas modalidades possíveis. Traz ainda as competências de cada membro envolvido no processo (coordenador de curso, orientador, orientando). Nos cursos analisados, dois deles apresentaram, além do material sobre o assunto nos PPCs e/ou em portarias, publicações específicas de orientações para o TCCs, ou seja, manuais didáticos.

### 4.5.1 UEPB

O TCC está regulamentado tanto no PPC quanto numa publicação à parte, intitulada de Manual de Normatização do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC do Curso de Comunicação Social, que é anterior ao novo PPC. O Projeto Pedagógico dá ênfase ao caráter experimental do TCC e traz ainda, da página 49 a 52 a regulamentação dele, que pode ser uma monografia, um artigo



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

científico, um relatório de resultado de iniciação científica ou um produto midiático de caráter profissional e ou experimental. Nesse item, o documento não detalha quais características esse material teria, apenas de que seria acompanhado também de um relatório técnico que siga as normas da ABNT e que seja um material que colabore com a formação do profissional para o mercado.

O TCC poderá ser elaborado sob a forma de Artigo Científico, Monografia, ou Relatório Técnico de Projeto Experimental, individual ou coletivo no caso de Produto Midiático (até três estudantes) ou Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica - PIBIC aprovado, conforme Manual Normativo de Orientação do TCC (UEPB, 2016, p. 50).

Numa escavação feita neste outro documento, identificamos que ele não inclui nas suas modalidades a possibilidade de uma fotorreportagem ou ensaio fotográfico de cunho jornalístico/informacional/documental, gêneros clássicos do fotojornalismo. O manual de regulamentação do TCC cita o fotojornalismo como possibilidade apenas como um subproduto de uma revista, já que este outro poderia sim ser qualificado enquanto produto jornalístico. Essa possibilidade aparece apenas em um quadro de observações dentro do item sobre “impressos”. “Serão aceitos jornais e revistas relacionados ao fotojornalismo, uma vez que o fotojornalismo é compreendido atualmente enquanto categoria reveladora de fatos e informações úteis à sociedade” (UEPB, 2011, p. 31). A possibilidade de trabalhar com fotojornalismo aparece novamente na página 32 (UEPB, 2016), como um subproduto de revistas “Ilustrada (na qual ocorre o predomínio do fotojornalismo sendo o texto um suporte imprescindível na condição de titulações e/ou legendas explicativas)”.

## 4.5.2 UFPB

Ao contrário do que ocorre nas outras duas instituições analisadas, na UFPB não existe um manual de TCC organizado que defina com clareza os produtos possíveis para o Trabalho de Conclusão de Curso. No PPC, a



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

possibilidade de um trabalho voltado para a fotografia é pontuado quando se explica quais seriam as utilizações de um Laboratório de Projetos Fotográficos:

O Laboratório de Fotografia é necessário para a realização de trabalhos práticos nas disciplinas Fotojornalismo, bem como, para uso dos alunos que pretendam realizar seus trabalhos de conclusão de curso na área objeto do laboratório (UFPB, 2016, p. 15).

A resolução que rege os TCCs de jornalismo da UFPB é a PORTARIA CJ 05/ 2013, com 8 páginas, que especifica as duas possibilidades de produtos de conclusão de curso: uma monografia/ensaio ou um produto jornalístico, sendo esse último entendido como uma atividade prática, diferentemente da outra, que é colocada no documento como uma atividade de pesquisa. Em nenhum momento o texto cita pontualmente a fotografia, mas também não cita as outras áreas de eixo teórico/profissional do jornalista. A resolução se atém principalmente às competências de professores, alunos e instituições, deixando a definição do TCC a critério da relação orientador/orientando.

### 4.5.3 UNINASSAU

Além de um edital de TCC que regulamenta as competências de cada membro envolvido no processo de conclusão de curso, a IES traz alguns apontamentos sobre isso no PPC e ainda um manual especificando produtos e possibilidades para os alunos que almejem fazer produtos midiáticos ao final do curso. O PPC explicita, na página 71 (UNINASSAU, 2017), que uma das possibilidades dos alunos que optam pela chamada Prática Jornalística, ao invés da monografia, é um ensaio fotográfico: “Produções fotográficas: Ensaio: mínimo de 20 fotos (tamanho 15 X 24), em preto e branco ou em cores. Fotojornalismo: 06 (seis) reportagens fotográficas.” Além disso, no manual anexo sobre TCCs, apresenta um capítulo inteiro dedicado às possibilidades fotográficas enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, se caracterizando como a única IES analisada a versar de forma clara e ampla sobre o assunto no TCC e a assumir o fotojornalismo como possibilidade de trabalho midiático neste



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

momento específico da formação. O capítulo é intitulado Reportagem Fotográfica/Ensaio Fotográfico e tem duas páginas de detalhamento. É uma proposta pedagógica que assume claramente o fotojornalismo como gênero jornalístico e habilidade profissional do jornalista. “A reportagem fotográfica, visa tratar de um tema, do ponto de vista noticioso, fazendo uso da narrativa imagética como forma de expressão jornalística.” (UNINASSAU, 2017B, p. 32).

## 4.6 Perfil dos professores

Esse é um tema complexo porque envolve questões trabalhistas e de outras ordens, que serão deixadas de lado para esta análise. Trazemos uma explanação geral do perfil dos professores que ocupam hoje o papel de ministrar os conteúdos de fotografia nessas três instituições de ensino, tomando como base os dados informados pelos mesmos em seus currículos disponibilizados em suas plataformas *lattes*. Não identificaremos esses professores com seus nomes, preferimos preservar as suas identidades.

### 4.6.1 UEPB

Instituição que tem grande carga horária de fotografia e que também tem curso diurno e noturno, por isso é necessário dois professores para cobrir todo conteúdo. Contatamos que ambos são jornalistas e professores efetivos, contratados através de concurso público. Um está afastado para cursar doutorado, em seu lugar e de forma temporária, está um professor substituto que foi contratado para a área de projeto gráfico e que acumula também as disciplinas de fotografia, não tendo experiência prática ou teórica na área. Esse professor, em sua condição de substituto, não desenvolve pesquisa ou extensão na área. O outro professor, efetivo, é o único docente que tem o título de doutor dentre todos os analisados aqui e que desenvolve pesquisa e extensão na área de fotografia. Não possui formação acadêmica ou prática na área de fotografia, porém declarou ter cursado formações complementares na área.



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

## 4.6.2 UFPB

É a única instituição analisada que não tem professor efetivo para a área há pelo menos dez anos, quando o docente designado para isso se transferiu de departamento. Desde então, professores substitutos, ou seja, temporários, vêm se revezando na função de ministrar a única disciplina de fotografia da grade curricular. Numa análise dos três últimos professores que ocuparam a função, nenhum tem a graduação em jornalismo: todos graduados em radicalismo/rádio e TV. Além disso, o professor em atuação hoje não possui experiência em pesquisa na área nem na atuação profissional como fotojornalista, mas exibe um vasto currículo profissional de exposições e prêmios fotográficos, não fez o concurso simplificado com o perfil de fotografia, e sim com o perfil de audiovisual, e por causa do seu perfil pessoal foi aproveitado na disciplina. Na sua condição de substituto, não desenvolve pesquisa ou extensão. Os outros dois anteriores não tinham vinculação teórica ou prática nenhuma com a área e nem sequer tinham feito concurso simplificado para a área de imagem.

## 4.6.3 UNINASSAU

A instituição faz seleções públicas simplificadas de forma periódica, mas também contrata professores por indicação, principalmente aqueles que tenham um perfil mais específico profissionalmente, que é o caso da fotografia. Quem ocupa hoje o cargo na sede de João Pessoa é um profissional que não tem formação em jornalismo, e sim em radialismo, e que também não tem histórico de pesquisa ou atuação profissional na área de fotografia: é um profissional do cinema e do audiovisual. Também não desenvolve pesquisa ou extensão na instituição, como acontece com a maioria dos outros professores do curso. Na sede de Campina Grande, até o momento do fechamento desse artigo, não tinha



# 180 Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

professor de fotografia contratado para ministrar os conteúdos, já que o curso é novo e está com dificuldade de fechar turmas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência da citação direta ou indireta à fotografia ou, mais especificamente, ao fotojornalismo, nas Diretrizes de 2013, provocou um efeito cascata nas práticas pedagógicas dos cursos de jornalismo do Brasil. Elas repercutiram em estruturas curriculares com pouca inclusão do fotojornalismo; com a modificação do nome da disciplina de fotojornalismo para outros como: jornalismo fotográfico e linguagem fotográfica, por exemplo; a não realização de concursos nas universidades públicas para professores com perfil teórico/prático específico na área, sendo as disciplinas de fotografia muitas vezes assumidas por professores que não trabalham diretamente com essa temática, nem em pesquisa nem no fazer fotográfico, a maior parte sequer graduados em jornalismo; ausência da fotografia nos estágios supervisionados obrigatórios; ausência da fotografia como possibilidades de produção nos Trabalhos de Conclusão de Curso e carência de projetos de pesquisa e extensão voltados para a imagem fotográfica. Mas, mesmo assim, a fotografia resiste e se faz presente na totalidade dos cursos analisados aqui. A ausência da fotografia nas diretrizes do MEC não foram suficientes para apagar as marcas da longa história da fotografia nos cursos de jornalismo brasileiros, nem para ignorar a necessidade contemporânea de pensar um jornalismo que não seja unicamente ligado à palavra escrita e que trabalhe também com outras ferramentas comunicacionais pujantes na sociedade, como a imagem fotográfica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Câmara dos Deputados. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES no 39/2013. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo.** Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=130](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=130)



# 18º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo

[63-pces039-13-pdf&category\\_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192](https://www.pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso: agosto de 2018. 20

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função social da universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular. 2012.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **Curso de Comunicação Social no Brasil: do Currículo Mínimo às novas Diretrizes Curriculares**. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 14 • abril 2001. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3100/2376> - Acesso: agosto de 2018.

UEPB, Universidade Estadual da Paraíba. **Manual de normatização do Trabalho de Conclusão de Curso** - TCC do Curso de Comunicação Social. Organizadores: Cássia Lobão Assis, Goretti Maria Sampaio de Freitas, Luiz Custódio da Silva, Maria de Fátima Cavalcante Luna, Maria Salete Vidal da Silva, Robéria Nádia Araújo Nascimento. Universidade Estadual da Paraíba: Campina Grande: EDUEPB, 2011.

UEPB, Universidade Estadual da Paraíba. **Projeto Pedagógico de Curso PPC: Jornalismo (Bacharelado)**. Universidade Estadual da Paraíba, CCSA; Núcleo Docente Estruturante. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

UFPB, Universidade Federal da Paraíba. **Reforma do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Jornalismo**. Distribuição Interna, 2016.

UNESCO. **Model Curricula for Journalism Education for Developed Countries & Emerging Democracies**. Paris: Unesco, 2007.

UNINASSAU. **Manual de Normatização dos Trabalhos de Conclusão de Curso em Jornalismo da Faculdade Uninassau**. Distribuição Interna, 2017b.

UNINASSAU. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo**. Distribuição Interna, 2017.

